UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

LUANA BARBOSA DE AGUIAR

# A CRÍTICA SOCIAL NO CONTO “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

CAMPINA GRANDE – PB
2014

LUANA BARBOSA DE AGUIAR

# A CRÍTICA SOCIAL NO CONTO “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Drª Francisca Zuleide Duarte de Souza.

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A282c Aguiar, Luana Barbosa de.
A crítica social no conto "O espelho", de Machado de Assis [manuscrito] / Luana Barbosa de Aguiar . - 2014.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza., Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura. 2. Realismo. 3. Crítica literária. 4. Análise literária. I. Título.

21. ed. CDD 800

LUANA BARBOSA DE AGUIAR

**A CRÍTICA SOCIAL NO CONTO "O ESPELHO", DE MACHADO DE ASSIS**

**BANCA EXAMINADORA**

Francisca Zuleide Duarte de Souza **NOTA:** 8,5

Prof. Drª Francisca Zuleide Duarte de Souza. (UEPB)

Orientadora

Adalberto Teixeira Rodrigues **NOTA:** 8,5

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues. (UEPB)

Examinadora

**NOTA:** 8,5

Profª. Drª Rosângela Maria Soares de Queiroz. (UEPB)

Examinadora

Trabalho aprovado em: 8 de maio de 2014

Média: 8,5

CAMPINA GRANDE – PB

2014

# A CRÍTICA SOCIAL NO CONTO "O ESPELHO", DE MACHADO DE ASSIS

AGUIAR, Luana Barbosa de.[1]


## RESUMO

Machado de Assis é um autor realista, cujas obras criticam a sociedade de sua época, evidenciando males ainda hoje existentes. O homem vive em uma espécie de ambiente restritivo, com grades que ele próprio constrói no momento em que idealiza uma vida pautada em leis socialmente estabelecidas ao longo do tempo. A crítica empreendida por Machado apresenta caráter universalizante, aplicando-se a espaços e tempos diversos. O materialismo, o egoísmo e a superficialidade do ser humano, são questões apontadas na escrita machadiana. A pesquisa baseia-se nos estudos de Bosi (2006/2009), Coutinho (2007), Faoro (2001), entre outros textos. Analisar a tessitura crítica do conto "O espelho" com ênfase na sua atualidade é o objetivo deste trabalho.


**Palavras-chave:** Machado de Assis. Crítica. Atualidade.

## 1 Introdução

O presente estudo apresenta como temática a identificação dos males sociais denunciados no conto "O Espelho", o qual apresenta uma linguagem marcada pela ironia e pela crítica denunciadora de vícios sociais são recorrentes nos dias atuais. Evidenciando a forma como se processa essa denúncia, a análise destaca pontos de inegável relevância dentro da perspectiva proposta. Machado de Assis, no conto "O Espelho", aponta alguns males da sociedade brasileira da época, como o orgulho, a inveja, a fraqueza de caráter devido à influência do outro na formação pessoal, entre outras críticas perceptíveis ao olhar investigativo do leitor. Tais

[1]Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: luannaaguiarb@hotmail.com

mazelas do comportamento humano existem ainda em nosso tempo, haja vista a universalidade das obras machadianas e a capacidade de as mesmas refletirem a realidade de diferentes épocas e adaptarem-se a tempos diversos, devido ao uso de temas universais que acompanham a sociedade de qualquer época.

A presente pesquisa consiste em uma análise de conteúdo, de cunho documental exploratório, com base em uma análise aprofundada na crítica social presente no conto machadiano "O Espelho". Discutem-se no conto, as artimanhas utilizadas pelo personagem Jacobina, bem como seu empenho em preservar a aura de importância que ele pretende gozar em função do título de alferes. Trata-se de um personagem que, como muita gente, vive e alimenta-se das aparências.

Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores do Brasil. Sua carreira, como escritor realista, inicia-se com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Machado é costumeiramente referenciado como um autor que viveu duas fases em sua vida literária. A primeira relaciona-se à fase Romântica, com as produções: *Crisálidas* e *Contos Fluminenses*; *Falenas* e *Americanas*; *Histórias da Meia Noite*; *Helena*; *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia*. A fase realista revela grande plenitude literária do escritor com as publicações: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Quincas Borba*; *Dom Casmurro*; *Esaú e Jacó* e *Memorial e Aires*. Escreveu livros de contos: *Histórias sem Data*; *Papéis Avulsos* e o livro de poesias: *Ocidentais*.

Percebe-se na crítica social evidenciada no conto, "O Espelho", a recorrência dos mesmos males que infestam as sociedades de tempos imemoriais, sublinhando-se a atualidade dos mesmos temas. O discurso machadiano é marcado pela ironia aguda, sem a superficialidade das chacotas nada refinadas utilizadas por pretensos leitores de um grupo social.

Marcadas por uma linguagem ousada e enigmática, as obras machadianas são unas, devido à singularidade de sua escrita e seus leitores universais. Neste sentido, a crítica à sociedade por meio de um pensamento de homem introspectivo, de uma linguagem simples e descompromissada, alimenta a discussão aqui realizada.

A crítica machadiana destina-se a diferentes camadas sociais, em tempos distintos, uma vez que, como observa Antonio Candido (2004) suas obras apresentam capacidade de sobreviver e de adaptar-se ao espírito de tempos diversos.

Qualquer leitor que aprecie as obras Machadianas não encontrará dificuldades em identificar nelas males do seu tempo, de sua sociedade que, muitas vezes, ficam escondidos em meio à ignorância da grande massa da população, ou são amainados na tentativa da idealização de um mundo. São males que às vezes nos fogem por falta de palavras, de coragem, de percepção, entre outros, mas que são “acordados”, à medida que lemos, que identificamos e trazemos para nossa realidade fatos que existem e, no entanto, não são perceptíveis diante de nossa sã ignorância.

Esta leitura inicia com uma contextualização do realismo no Brasil, em seguida, as contribuições das obras machadianas, bem como a visão dos escritores realistas, assim como o caráter da escrita que compõe a temática desse estilo de época. Segue-se a análise do conto “O Espelho”, embasada em alguns estudos teóricos, como Faoro (2001), Coutinho (2007), na perspectiva de evidenciar as reflexões, críticas e sentimentos relatados, que, muitas vezes, não são perceptíveis, em uma primeira leitura, mas que são constantes nos escritos de Machado de Assis, enfatizando a universalidade das críticas implícitas nos fatos narrados em paralelo com a atualidade.

## 2 Realismo: construção de uma realidade

O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo foram três grandes movimentos literários que floresceram durante a segunda metade do século XIX. O realismo cultiva ideias opostas ao que a sociedade tinha vivido até aquele momento, ressalta a descrição de homens e mulheres comuns da sociedade da época, mostrando aspectos que outrora não eram perceptíveis ao olhar idealista dos

autores, sobretudo do Romantismo. Este estilo de época possui definições imprecisas, haja vista que representa um temperamento, um estado, uma realidade factual e um espírito expressivo de narrar os acontecimentos, espírito este singular de cada autor que se apresente. Coutinho aponta que

> É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, do que um tipo de gênero literário acabado. Ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos ao real (COUTINHO, 2007, p.186).

Como podemos observar na afirmação de Coutinho (2007), o Realismo apresenta definições diversas, e pode estar presente em diferentes épocas, uma vez que ocorre toda vez que um autor diminuir o distanciamento existente entre a utopia e a realidade. Movimento caracterizado pela fuga do sentimentalismo e artificialidade, o Realismo procura a representação do real, por meio da evidência dos defeitos e virtudes dos personagens. São estes que dão subsídios para o desenvolvimento do enredo. O assunto decorre dos motivos humanos e, muitas vezes, perversos, dos personagens realistas. A literatura realista é reflexo da vida cotidiana, motivado pelas observações das atitudes que permitem ao leitor a percepção das intensões existentes por trás das ações dos personagens.

Em meados do século XIX, os elementos sociais, econômicos e políticos passaram a construir a estrutura da sociedade. A poesia, antes gênero utilizado pelos românticos, dá espaço à prosa de ficção. Diante de uma literatura pautada na concepção de verdade, a produção literária brasileira passa a abordar temas regionais diversos e não restritos a uma dada população. Machado de Assis, autor que introduz a produção literária realista brasileira, salienta a necessidade de tratar de temas universalizantes na composição literária, haja vista, a necessidade de uma obra em sobreviver a épocas e estilos regionais diversificados. Com o advento do liberalismo, de ideias regionais, os autores realistas passam a tomar como referência, múltiplas realidades regionais brasileiras, desse modo, “a massa regional brasileira forneceu aos escritores realistas ampla fonte de assuntos, sugestões,

linguagem nativa, tipos humanos, formas de conflito social e moral" (Coutinho, 2007,p.187).

No movimento realista, surge uma nova forma de sentir a realidade, menos idealizada, em contraponto com o estilo romântico. Os autores assumem uma postura mais crítica, quanto à configuração social. As características desse estilo de época estão voltadas para o objetivismo, de modo a retratar o real da maneira mais científica possível, em consonância com os postulados teóricos positivistas e cientificistas. O Realismo propiciou um novo quadro para a sociedade da época, tendo em vista o surgimento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. O contexto realista proporcionou o surgimento de uma nova relação entre o artista e sua obra, uma relação mais linear. Assim pode-se perceber uma proximidade entre o autor com seu objeto, uma relação mais expressiva, de modo a quebrar com os temas padrões do Romantismo.

De acordo com Bosi (2005, p. 173) "(...) do Romantismo para o Realismo, houve uma passagem do vago para o típico, do idealizante ao factual." Desta forma, o realismo assegurou uma forma de expressão que pudesse atender a problematização da realidade da época, uma vez que, esta era mascarada pelos ideais romancistas, os fatos passaram a ser narrados tal como eles aconteciam, deixando de lado a idealização da Pátria, da Natureza e do Amor.

## 3 Machado de Assis e a literatura realista

No contexto realista, o sentimentalismo é deixado de lado, dando lugar uma abordagem objetiva e crua com ênfase no social, natural e psicológico. A ruptura do romance dá-se com a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A partir de então, surge no Brasil uma nova forma de expressão literária denominada realista. Para os escritores dessa escola, o homem é muito mais do que ação, ele não vive apenas uma realidade exterior, seus pensamentos revelam o que muitos não percebem, pois o que de fato ele sente, fica implícito em suas atitudes. Machado de Assis é,

sem dúvida, o marco da produção realista do Brasil, seguido de Raul Pompeia, autor de *O Ateneu*.

A prosa realista brasileira atinge seu ponto mais alto em Machado de Assis que, com suas obras, evidenciava o egoísmo humano, deixando de lado a convenção e escrevendo sem rodeios. É comum nas obras de Machado o uso de citações, a referência a outros autores ou passagens de obras, a retomada de um mesmo texto, um mesmo estilo, do mesmo ou de outros autores para explicar ou evidenciar um ponto de vista. Possuidor de um estilo astucioso, Machado, ao relatar um fato, sempre deixa algo em aberto, sem uma explicação devida ou um desfecho adequado. Nesse sentido um leitor experiente sabe, que, depois do fim, outras coisas poderão acontecer, visto que, "uma coisa vale a outra", um fato introduz outro fato, ou retoma outro já existente, sempre há assunto e base para novas interpretações.

Em suas histórias, Machado faz uso de alegorias[2], personificações e outras figuras de pensamento para construção de suas apreciações das chagas sociais, objetivando não apenas lamentar os fatos, mas relatá-los, deixando às claras, as intenções perversas de atitudes rotineiras. A crítica presente nas obras de Machado de Assis, é construída por meio de fatos, relatos e comentários. O pensamento filosóico existente em seus escritos é resultado da descrição minuciosa de fatos banais: "os fatos são tudo". Para comprovar sua afirmativa, Machado faz uma comparação: "A melhor definição do amor não vale um beijo da moça namorada". O estilo machadiano traz o leitor para dentro da narração. Encontrando ali seus pensamentos e anseios, o leitor fica aprisionado no discurso do narrador que se deixa enredar , como afirma Villaça,

> (...) o narrador atrai o leitor para o seu sistema, do qual não é fácil sair. Para consegui-lo, teremos que ter precisão quanto aos nossos valores e suas diferenças; teremos que definir antagonismos reais, contradições verdadeiras, e ser conseqüentes — exatamente as tarefas mais problemáticas que enfrenta o pensamento crítico, quando resiste às diluições da modernidade eufórica. Parece-me ser

[2] A alegoria é um procedimento de construção e de interpretação de discursos imagens. Por João Adolfo Hansen (2006,p.8)

> esse o desafio que, politicamente, Machado armou para si e para seu público, de ontem e de hoje. (VILLAÇA, 1998, p. 10)

Em suas obras, Machado de Assis possibilita uma análise filosófica dos fatos relatados. O leitor é ao mesmo tempo tradutor e analista dos acontecimentos, influenciado fortemente por uma atividade crítico-descritiva. Sendo assim, o leitor de Machado precisa ser crítico, do contrário correrá o risco de ficar na superficialidade do "dito", uma vez que, os fatos não ocorrem de forma horizontal, o real sentido da história se desmembra no interior de cada acontecimento que, por sua vez, em uma sequência não linear, irá levar a um final fatal e engenhoso.

Os personagens Machadianos apresentam geralmente uma vida miserável, a trama gira em torno de ações em prol de um lugar de destaque na sociedade, uma vez pobre, o ser humano busca um meio de enriquecer e ganhar status. Sempre falta alguma coisa para satisfazer o indivíduo na sociedade capitalista, a qual faz parte, dessa maneira, fazendo de tudo para enriquecer, o ser humano passa por cima de seus princípios, da sua personalidade, tornando-se uma pessoa frustrada e insaciável, em busca de uma felicidade que acredita, erroneamente, que se pode encontrá-la no dinheiro, "dinheiro que é a chave e o deus desse mundo, dinheiro que mede todas as coisas e avalia todos os homens" (FAORO 2001, p.14).

No conto "O Espelho", Machado faz uma crítica ao egoísmo humano, defendendo uma tese, através do narrador protagonista, Jacobina, segundo a qual o ser humano não possui uma alma e sim duas, a alma interior e a alma exterior. Sua crítica fundamenta-se nessa tese, já que em plena consciência que temos de que a alma exterior morre com o corpo, continuamos a dar mais valor a ela, podemos inclusive deixar morrer, ainda em vida, nossa alma interior, no momento em que se abandonam os desejos em função de padrões socialmente estabelecidos. São os títulos de nobreza, no caso de alferes, que anulam a personalidade, desvirtuando os anseios legítimos dos seres humanos. Pode-se também deixar morrer, ainda em vida, a alma exterior, coisa que completa enquanto pessoa. Este seria o fim da existência enquanto seres humanos, como aconteceu com o personagem Jacobina,

fato a ser discutido mais adiante. O título “O Espelho” tem sentido de reflexo, a alma é um reflexo da opinião alheia, o alferes é reflexo das pessoas que rodeiam o ser Jacobina, que aos poucos se autoelimina  enquanto pessoa, para viver apenas como alferes. O espelho seria, dessa forma, uma maneira irônica, própria do estilo machadiano, de desmascaramento da sociedade, uma vez que, a alma exterior de Jacobina torna-se rebelde devido a acontecimentos externos, decorrentes de opiniões e posicionamentos da sociedade. A crítica se faz presente, ao passo que, se faz um paralelo da crença do ego do alferes com a existência da unidade da alma humana: “ ‘O Espelho’ leva a corrosão da suspeita ao âmago da pessoa, mostrando exemplarmente como o papel social e os seus símbolos materiais (uma farda de Alferes, por exemplo) valem tanto para o *eu* como a clássica teoria da unidade da alma” (BOSI 2006, p. 182).

O homem, na visão de Machado, não enriquece com seu esforço. Quem nasce humilde jamais atingirá o auge de uma posição capitalista. O fato de querer crescer financeiramente é, pois, o ponto de partida para o enraizamento de um egoísmo que se estende às camadas diversas da vida do ser humano, é o dinheiro que será o critério para determinar e avaliar o caráter de qualquer homem. Diante disso, enriquecer constitui-se em dar-se um emprego de não fazer nada, o trabalho não leva a lugar nenhum, os meios de adquirir riquezas são, a herança e o casamento com herdeiros ricos. A princípio, Jacobina não se sentia extasiado com o título de alferes, foram os acontecimentos externos que proporcionaram êxtase diante da profissão que lhe fora confiada, não pesou a responsabilidade que o esperava, porém a farda que lhe cobria enquanto homem, farda essa que na visão de sua família, representava o dinheiro, o poder, por isso o orgulho de seus entes em ter um alferes da guarda nacional na família. Machado não procura resolver os males existentes na sociedade, apenas os detecta de forma leve e sem reivindicações: “Com o ar de zombaria diz as coisas sérias, sem a cor viva ou vermelha das reivindicações. Não remonta a origem dos fenômenos, não lhes pesquisa a essência e o conteúdo. Recebe-os já feitos e adultos, em plena ação no Segundo Reinado” (Faoro, 2001, p.80). No estilo machadiano, o olhar direciona e traduz o mais singular de seus pensamentos, comumente Machado faz uso de alegorias para representar suas visões, perante os fatos e acontecimentos que o

cercam. Nesse sentido, nada é verdade, tudo é apenas reflexo do que a sociedade demanda.

## 4 O espelho

Machado fica alheio aos acontecimentos, não aponta caminhos, apenas relata, apresentando-se apenas como narrador-observador dos fatos, construindo a sua crítica nas entrelinhas do “dito. Contudo, é quase impossível não identificar males do nosso tempo ao ler qualquer de suas obras, isso se dá ao estilo universalizante com que se apresenta, como afirma (Bosi, 1999, p.12) “Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar Machadiano de um século atrás, é porque este olhar foi penetrado de valores e ideias cujo dinamismo não se esgotava no quadro espaço-temporal em que se exerceu”.

O conto tem início com um “debate” entre quatro ou cinco cavalheiros, em seguida essa imprecisão na quantidade é explicada pela afirmação de que um cavalheiro apenas ouvia, fazendo apenas alguns gestos de aprovação. Levando em consideração a personalidade introspectiva de Machado de Assis, pode-se perceber que ao descrever Jacobina, o autor se faz personagem de sua narração. Jacobina era um homem calado, mas que ao tomar a palavra, muito teve a contar, coisas que serviam de experiência para os ouvintes, diferente das blasfêmias que os cavalheiros insistiam em debater. A conversa entre os quatros cavalheiros não tinha importância alguma, tanto que o conto é composto pela narração de Jacobina, ao referir-se ao debate dos cavalheiros, Machado faz uso de uma sutileza ao ironizar o rumo da conversa “(...) os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.” (Assis, 2008, p.129). O estilo irônico de Machado de Assis, se faz presente não especificamente em uma expressão, mas no decorrer de sua narrativa, ironia que atribui a palavra um sentido diferente do que ela significa, que se revela diante da leitura, dos jogos de sinais, do entredito. A ironia pode passar despercebida em uma primeira leitura ou em leituras fragmentadas, a sutileza presente na narrativa vai se

revelando no decorrer da leitura, ao passo que o leitor atribui significação ao que está posto, como afirma Izolan (2006, p. 16) “Um estilo irônico elevado não é o que se encontra em frases ou ditos espirituosos, mas o que entrelaça, silenciosamente, um corolário de relações e tensões insuspeitadas à primeira vista”.

O estilo machadiano possibilita diferentes intertextualidades, ao escrever “ A Cartomante”, por exemplo, Machado faz alusão à frase de Shakespeare “ há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”, afirmativa que fica evidente no enredo do conto. É comum no conto em análise a referência a outros textos, o uso de citações, Machado cita Shylock, por exemplo, personagem de uma obra de Shakespeare, que supervaloriza a alma exterior e que faz empréstimos monetários, citação esta que tem por finalidade afirmar que a alma exterior é importante de tal modo que a sua perda implica a de uma existência inteira, uma vez que perdendo a alma exterior (a tarefa de fazer empréstimos), Shylock, certamente perdia o sentido de sua existência. Para acentuar o desespero de Jacobina, Machado faz referência a uma lenda francesa citando a frase: “ *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir.*” que quer dizer: “Irmã Ana. Irmã Ana, não vês nada vir?”, pergunta que fez para si mesmo, cuja resposta era evidente, porém o ato de perguntar já era uma forma de acabar com o silêncio absoluto. Qualquer barulho era esperança para Jacobina, como não havia por ali nenhum vivente, começou então a dialogar consigo mesmo, tossia às vezes, mesmo sem querer, para quebrar o silencio, afligia-se a frio a fim de dizer alguma coisa. Único barulho que ouvia e que o incomodava era o *Tic Tac* do relógio que lembrava as horas que demorava a passar. Em decorrência da obsessão por citações Villaça (1998) afirma que, por vezes, os escritos Machadianos podem levar a traduções inadequadas e comparações indevidas no que se refere à originalidade do que foi escrito.

Jacobina é um homem vivido, capaz de lembrar e refletir sobre sua história, seus fracassos, capaz de apreender as experiências presentes no universo que fundou a sua personalidade. Não é a narração em si que traz para o leitor a criticidade do conto, mas a capacidade descritiva/reflexiva de Jacobina. Dessa forma, pode-se concretizar mais uma observação de Machado, que, enquanto

homem experiente quer trazer para o leitor: a capacidade de ouvir, dá voz a quem já viveu e tem algo a ensinar. “O Espelho” apresenta alto teor de veracidade, devido ao fato de ser narrado por alguém que reflete o seu próprio destino, como afirma (Bosi, 1999, p. 161) “Enquanto narrador reflexivo do seu destino, Jacobina é pessoa, ser de autoconsciência e relação, sem as quais a memória e o ato de narrar não teriam sequer condições de articular-se e exprimir-se”.

As críticas se fazem presentes, perante uma sociedade que parece não compreender, não saber ouvir sua alma exterior e interior, como diferenciava e defendia Jacobina a existência de ambas, segundo essa teoria defendida por ele, o ser humano possui duas almas, a interior “que olha de dentro pra fora” e a exterior “que olha de fora pra dentro”, a alma exterior pode ser representada por um simples objeto, qualquer bem material que seja a aspiração de um homem. Diante da universalização dessa teoria, a alma exterior pode ser facilmente encontrada no homem do século XXI, homem que deseja um objeto qualquer que o satisfaz, e um título (um emprego bem visto e remunerado) no meio social em que se encontra. A farda de alferes do cavalheiro Jacobina representa a concretização do ego que enaltecia a sua alma exterior, ao mesmo tempo em que abatia sua alma interior, suas pretensões não mais seriam a sua realização enquanto homem, e sim enquanto alferes, desejo que partia da sociedade e que o realizava exteriormente.

Em contraponto com a atualidade, não é de difícil percepção que a sociedade do nosso século ainda preserva esses mesmos ideais, o homem não busca a realização de sua alma interior, haja vista que, este se encontra aprisionado aos atributos que são exigidos pela sociedade, a qual faz parte, seja um emprego de status, um bom relacionamento familiar, uma família perfeita (de acordo com o modelo tradicional), os motivos são diversos, a sociedade mudou, no entanto, todas as mazelas sociais atualmente existentes podem ser identificadas na teoria defendida por Jacobina. Foram os acontecimentos externos, (no conto a visão da sociedade em especial a da tia Marcolina), que enalteceu demasiadamente um título e anulou a alma de um homem que antes era calada e pensante, e agora se encontra a mercê de um objeto (da farda de alferes). As características de Jacobina que compunham sua alma interior já não existiam e agora ele era um homem pela

metade, sustentado por um objeto, o espelho, como afirma Machado a respeito das duas almas existentes em cada ser humano “(...) as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando uma laranja. Quem perde uma das metades perde naturalmente metade da existência”.

No sítio de Tia Marcolina, Jacobina passou “largos” dias de solidão. A longevidade do dia parecia aumentar, à medida que, a solidão crescia, agora Jacobina estava sendo escravo do tempo que custava a passar. Ao tomar a palavra, Jacobina é influenciado pela curiosidade dos presentes (os outros quatro cavalheiros), “santa curiosidade”, desta forma, Machado traz a tona mais um “defeito” comum à sociedade.

No “longo” período em que Jacobina ficou no sítio de sua Tia, grande foi a sua aflição. A sua agonia era acentuada pelas horas que custavam a passar, essa assertiva fundamenta-se na repetição do *tique-tiaque* do relógio, que indica a paranoia que esse barulho estava se tornando para o personagem. Ao mesmo tempo em que Jacobina reflete sobre suas escolhas, justifica suas atitudes, usando como argumento a situação, o meio social, os interesses da grande massa da população. Jacobina distancia-se dos acontecimentos, das situações que vivera outrora, para assim penetrar e analisar cada atitude, deixando implícito o argumento de que é mais fácil a percepção do erro alheio, é preciso distanciar-se para ver melhor. O leitor ao compreender o enredo da narrativa, penetra facilmente na história se fazendo mais que um espectador fiel, um personagem de sua leitura, enxergando com facilidade o erro, os defeitos dos personagens e consequentemente percebendo os próprios.

Deixar a alma exterior em evidência não é de todo negativo, uma vez que, ela é deveras necessária para a existência do homem, a alma exterior pode ser representada por acontecimentos banais e essenciais, cuja existência dá prazer à vida do homem, antes do título de alferes, a alma exterior de Jacobina era constituída pelo sol, pelo vento, pelos olhos das moças, coisas que lhe completavam enquanto homem, enquanto ser na individualidade de seus desejos. Eis que a visão alheia tem poder avassalador, Jacobina passa a ser não o misto das duas almas, mas tão somente a superficialidade da alma exterior, passa a ser apenas o alferes.

As personagens de Machado de Assis são as representações de um grupo social, de um defeito, de uma relação de poder, são escolhidos atentamente, para que, seu olhar observador possa captar e introduzir sua crítica ao sujeito leitor. Ao narrar um fato, Machado não se limita a ficar na superficialidade do dito, na análise descritiva de um fato, de um objeto, mas penetra e apreende o não dito através da singularidade de seu olhar Bosi,

> O olho que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz. O olhar não decalca passivamente, mas escolhe, recorta e julga as figuras da cena social mediante critérios que são culturais e morais, saturados portanto de memória e pensamento.(BOSI, 1999,p.48).

No conto, “O Espelho”, o olhar machadiano não é tão somente aquele que descreve a passividade de Jacobina ao se deixar influenciar pelos seus familiares, é, sobretudo, um olhar que denuncia uma visão social, a de que um título é mais importante do que a personalidade e o caráter de um homem, um olhar que critica a fragilidade e a instabilidade do homem em relação a seu caráter, a seus preceitos, Jacobina é, na verdade, a representação de muitos homens da sociedade de sua época, bem como, da sociedade atual, homens de bem, mas altamente influenciáveis mediante o olhar daqueles que os cercam.

O eu, a personalidade de Jacobina é instável, tendo em vista que a opinião alheia e a visão de status da sociedade podem mudar, nesse sentido, Jacobina existe em função do olhar de outrem, haja vista que é este que possibilita fundamento a sua existência. Não basta apenas uma posição de status para a plena existência do homem, é preciso que haja visibilidade, as pessoas precisam ver, poder apreciar, invejar, bajular, foi este olhar que tanto fez falta a Jacobina quando se viu só, no sítio da sua Tia Marcolina, “ O olhar que não sente a aura doce do olhar do semelhante vai à procura do espelho” Bosi (2006, p. 99). É o espelho, objeto linfático que reproduz a visão de uma sociedade ausente, o espelho é a representação fiel da existência do ser Alferes.

## 5 Atualidade da crítica machadiana

O conto “O Espelho” é um profundo mergulho na alma humana. Por meio dele, o leitor tem a percepção das máscaras que envolvem a sociedade em geral, as críticas apontadas no conto podem facilmente ser detectadas atualmente, devido ao estilo universal de Machado de Assis. O leitor passa a ser não apenas espectador dos fatos, mas estabelece um diálogo com seu mundo, fazendo correlações com suas experiências. A sociedade atual reflete de forma intensa as críticas de outrora, as pessoas vivem fechadas no egoísmo de seus mundos, a hipocrisia, a falta de humanidade, de humildade, são mazelas detectadas no conto, “O Espelho” e refletem tão bem os males de hoje. As pessoas vivem de acordo com as regras ditadas pela maioria, nas quais o mais importante é possuir, uma pessoa bem-sucedida é aquela que possui bens materiais, um emprego bem visto, características essas que ao olhar no espelho, possam refletir uma imagem agradável aos olhos da sociedade.

A farda de alferes representa a hipocrisia da sociedade atual, na qual as pessoas buscam ter o que não precisam, o que não desejam, em função de uma posição de status e um olhar bem visto pelas pessoas que a cercam, o espelho é a metáfora de um choque de realidade. De fato, Jacobina jamais gozaria dos privilégios que foram dados ao Alferes, sentar no melhor lugar da mesa, ter uma mobília privilegiada, são regalias que engrandecem a alma exterior. Sendo bem visto socialmente, ainda assim, o homem pode ser infeliz ao se olhar no espelho e não enxergar a sua alma, apagada pela preocupação demasiada com a opinião alheia. Desta maneira, dificilmente as pessoas olham pra si e perguntam o que querem, do que precisam, o que é felicidade. Os seus ideais de vida já vem traçados pela sociedade a qual fazem parte, tornando-se pessoas vazias e anulando suas almas interiores.

Ao final do conto, Jacobina não mais existia, agora era o alferes que falava, agia e vivia por ele, o alferes tomou a sua identidade, porém ser alferes era inútil sem o olhar do outro, era necessário esse olhar para firmar a sua identidade, a sua

existência. O Alferes agora estava só, no sítio da sua Tia, não podia mergulhar na sua alma, nem refletir sobre seus sentimentos, apenas emergir na solidão da vida que só fazia sentido na presença de outras pessoas. Ao achar-se só Jacobina não mais existia, tampouco o Alferes, agora ele era um ser sem alma, um ser que apenas existia, no sentido mais limitado da palavra. Sua alma interior já tinha sido anulada, então sozinho, a alma exterior também não existia. No início do conto Jacobina afirma em relação a existência das duas almas, que "quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira", a alma exterior era o que estava sustentando a existência do Alferes, do ser Jacobina. No desespero o cavalheiro teve a ideia de olhar-se no espelho, mas sem a farda o Alferes não estava ali," era uma difusão de linhas, a mesma difusão de contornos" Jacobina agora era um vivente qualquer, porém ao vestir sua máscara (ao colocar a farda de Alferes), o cavalheiro encontrou sua alma exterior refletida no espelho, foi esse objeto que o fez de refém e o permitiu passar um longo tempo "sozinho".

Por vezes em suas narrações, Machado deixa os fatos subentendidos com ar de interrogação para que o leitor, por si só, tire as sua conclusões, não é que Machado saiba todas as mazelas sociais presente na vida de qualquer leitor que aprecie suas obras, ele apenas aponta meios, caminhos, acontecimentos que levem o sujeito leitor ao se deparar com os males que o cercam, males dos quais ele (o leitor) se faz personagem. "Há coisas que melhor se dizem calando" , frase usada por Machado no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, é comprovada nos largos "silêncios" percebidos por exemplo no finalzinho do conto: " Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas" o que implica afirmar que os demais cavalheiros ficaram surpresos com o final da história, um momento de silencio certamente reinou no local, durante esse silêncio muitas coisas passaram-se na cabeça dos ouvintes, coisas que por certo eles não conseguiram transformar em palavras e o silêncio falou melhor por eles. Segundo Antonio Candido (2004) a farda de Alferes e o espelho eram instrumentos simbólicos, que davam força ao conto, constituindo uma alegoria moderna das visões da personalidade e da relatividade do ser.

Machado de Assis, em seus escritos, procura evidenciar a individualidade forjada do ser humano, como ocorre no conto em análise: Jacobina anula seu ser enquanto homem, do mesmo modo ocorre na sociedade atual, as pessoas anulam seus sonhos, suas vontades, deixam de olhar para dentro de si e se conhecer, são pessoas vazias interiormente, que na grande maioria, perderam a capacidade de sonhar porque já não conhecem seu interior, como afirma Faoro,

> A ficção de Machado de Assis está interessada no homem, no seu destino individual, psicologicamente visualizado. As ações sofrem contínuo processo de desmascaramento, em proveito dos mecanismos íntimos e ocultos da alma. (FAORO, 2001 p. 53).

Machado estuda de forma particular a individualidade do ser humano, é este o foco de seus escritos e de suas críticas, o enredo desvenda o interior da alma humana, tecendo críticas e proporcionando a percepção das mesmas, por meios de artimanhas de sua escrita singular. Embora Machado desvende bravamente o interior da alma humana, ele não interfere na vivência do personagem, não critica claramente, apenas descreve e é na descrição que a crítica é devidamente construída, "[...] o olhar Machadiano, que ora se distancia da personagem, ora a penetra", (Bosi 1999, p.32), seu olhar distancia-se do personagem no momento da descrição e o penetra nos comentários e na análise dos fatos, evidenciando a individualidade, os anseios, os defeitos da personalidade.

Não é comum entre escritores do seu século a característica universal de Machado de Assis, seu olhar incorpora toda uma cultura, um povo, semeado de críticas em qualquer época em que se insere o leitor, o olhar malicioso está dentro de cada um de nós, e, é aguçado mediante o entusiasmo que constitui o olhar impetuoso de Machado, como afirma Bosi,

> Uma força de universalização que faz de Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito Oitocentos burguês. Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar Machadiano de um século atrás, é porque este olhar foi penetrado de valores e ideias

> cujo dinamismo não se esgotava no quadro espaço-temporal em que se exerceu. (BOSI 1999,p.12).

Contudo, somos seres condicionados à visão da sociedade, o egoísmo consiste em enquadrar-se a um ideal socialmente formado, o homem passa por cima de tudo para atender a sua necessidade de está a par com os ideais estabelecidos. O status, como podemos constatar no personagem Jacobina, não é sinônimo de felicidade, de bem estar, é, sobretudo uma realização da alma exterior, realização acentuada em provocar nas outras pessoas um sentimento malicioso: a inveja. O título de Alferes do cavalheiro Jacobina provocou “choro e ranger de dentes”, essas palavras são usadas por Machado para referir-se a inveja que o cargo de Alferes provocou. Ser Alferes da guarda nacional não era um título que Jacobina almejava, porém era um cargo muito cobiçado na época e isso enaltecia o ego de qualquer homem. A inveja é um mal universal, as pessoas querem sempre o melhor para si, as conquistas alheias tem importância no sentido de serem ultrapassadas, a competição, a inveja, entre outros, são males que o mundo capitalista proporciona, males que impulsionam o homem do século XIX e do nosso século a buscar uma realização externa, que convenha e satisfaça os anseios de um cidadão bem visto socialmente. Por fim, ao vestir sua máscara, Jacobina faz ressurgir a sua alma exterior, máscara esta que representa a necessidade do ser humano de revestir-se adequadamente, em seu emprego, na sua posição social, para enquadrar-se em seu papel socialmente traçado.

## 6 Considerações finais

No Realismo, a sociedade é descrita em sua profundidade, mostrando a realidade como ela se apresenta. Em vista disso, a análise do conto, “O Espelho”, evidenciou a pertinência e a atualidade crítica do autor, o qual, por meio de observações acerca de comportamentos dos personagens, esboça um painel da sociedade do século XIX, perfeitamente aplicável aos séculos XX e XXI neste seu

começo. Para Machado, o homem é sempre o mesmo. Sua percepção aguda, leva-o a atualizar a imagem desse homem finissecular e projetá-la para a contemporaneidade, carregado dos vícios e mazelas herdadas através da educação burguesa.

A singularidade do autor garante seu lugar no cânone das literaturas modernas. Sua percepção da humanidade, o caráter minucioso na construção das personagens revela um escritor preocupado, não só em ser um homem do seu tempo, mas de projetar-se nos tempos, angariando, para sua obra, a característica da universalidade.

O espelho, material líquido, retrata frustrações e ansiedades, inibindo a falsidade e o uso de máscaras, tão presentes nas obras machadianas, como na atualidade.

## RESUMEN

Machado de Asís es un autor realista, cuyas obras critican la sociedad de su época, evidenciando males aún hoy existentes. El hombre vive en una especie de ambiente restrictivo, con rejas que él propio ha construido en el momento en que idealiza una vida pautada en leyes socialmente establecidas a lo largo del tiempo. La crítica emprendida por Machado de Asís presenta carácter universalizante, aplicándose a espacios y tiempos diversos. El materialismo, el egoísmo y la superficialidad del ser humano, son cuestiones apuntadas en la escrita machadiana. La pesquisa es basada en los estudios de Bosi (2006/2009), Coutinho (2007), Faoro (2001), entre otros textos. Analizar las tesitura critica del cuento " El espejo" con énfasis en su actualidad es el objetivo de este trabajo.

**Palabras Clave:** Machado de Asís. Crítica. Actualidade.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Grandes Contos.** Edição especial do centenário da morte de Machado de Assis, São Paulo, Elevação, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 43 ed, São Paulo, Cultrix, 2006.

----------. **Machado de Assis: O enigma no olhar.** Editora Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** Editora Ouro. Sobre Azul, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **John Gledson, leitor de Machado de Assis. *Art*Cultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 109-115, jul.-dez. 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** Bertrand Brasil, 19 ed, Rio de Janeiro, 2007.

FAORO, Raimundo. **Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio.** Editora Globo,4ª ed, São Paulo, 2001.

GONÇALVES, Patrícia Magazoni. **A máscara social em "O espelho", de Machado de Assis.** UNESP, São Paulo, s/d.

HANSEN, João Adolfo. Alegoria- construção e interpretação da metáfora. 1 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

IZOLAN, Maurício Lemos. **A letra e os vermes:** O jogo irônico de ficção e realidade em Machado de Assis. Rio de Janeiro, 2006, p.10- 207.

MOTTA, Giovana Caires. **Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e o mundo das aparências.** s/d.